

Série
Vivências
em Educação
na Saúde

Integrar para aprender sobre saúde:

**A experiência interprofissional
de cuidado nos territórios**



editora



redeunida

Alzira Maria Baptista Lewgoy
Denise Bueno
Ramona Fernanda Ceriotti Toassi
ORGANIZADORAS

ORGANIZADORAS

Alzira Maria Baptista Lewgoy

Denise Bueno

Ramona Fernanda Ceriotti Toassi

Série Vivências em Educação na Saúde

Integrar para aprender sobre saúde:

A experiência interprofissional de cuidado nos territórios

1ª Edição

Porto Alegre

2024

editora



redeunida

I61

Integrar para aprender sobre saúde: A experiência interprofissional de cuidado nos territórios / Organizadoras: Alzira Maria Baptista Lewgoy; Denise Bueno; Ramona Fernanda Ceriotti Toassi – 1. ed. -- Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2024.

218 p. (Série Vivências em Educação na Saúde, v. 30).

E-book: 15.20 Mb; PDF

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5462-151-9

DOI: 10.18310/9786554621519

1. Administração de Serviços de Saúde. 2. Sistema Único de Saúde. 3. Cuidado em Saúde. 4. Educação Interprofissional. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

NLM WA 31

CDU 614

Catálogo elaborada pela bibliotecária Alana Santos de Souza - CRB 10/2738

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS. Fone: (51) 3391-1252

www.redeunida.org.br



FOTOGRAFIA COMO DISPOSITIVO DA MEMÓRIA: DEZ ANOS DA PRÁTICAS INTEGRADAS EM SAÚDE I

Jaqueline Tittoni

Introdução

Uma fotografia é um segredo sobre um segredo. Quanto mais ele diz, menos você sabe.

(Diane Arbus)

Este texto mostra uma narrativa textual e imagética do percurso da atividade de ensino Práticas Integradas em Saúde I (PISI). Sua escrita foi inspirada por muitas lembranças, principalmente das pessoas que já passaram por esta experiência e marcaram esta caminhada com seu modo de ver o trabalho, de transmitir seu ofício e de estimular jovens estudantes para o trabalho na área da saúde. Assim, foi constituído no calor dos afetos e das amizades, dando valor a estes ingredientes tão potentes para aprendizagens vívidas e sensíveis. Para a construção deste texto, docentes da PIS I contribuíram com registros fotográficos, assim como a Coordenadoria de Saúde (CoorSaúde) – equipamento que também guarda uma história imensa em memórias da integração ensino-serviço-comunidade entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e seu Distrito Docente-Assistencial (Bueno; Tschiedel, 2011; Dias *et al.*, 2020). Guardar, aqui, significa cuidar, assegurar que se mantenham vivas com o passar dos anos e possam ser vistas e atualizadas pelos olhares outros, de outras pessoas e do nosso olhar outro, que nos vê naquele passado.

Arquivos com mais de dez anos de imagens produzidas foram abertos como quem abre a caixa de fotografias da infância, com o mesmo suor nas

mãos daquele que vai em busca das imagens que o tempo lentamente foi desenhando e apagando na sua relação com o papel fotográfico. Memória viva que se mostra naquele ato de ‘abrirmos a caixa’, que revela uma imagem tão familiar quanto estranha, que inventa o que fomos, o que somos e o que as memórias fazem de nós. Uma imagem que nos habita, que é, mas que, também, já se foi. Armadilhas do tempo, quando enrosca, na vida, passado e presente.

Para Samain (2005), existe um impossível entre aquele que faz a fotografia e aquele que olha, pois se a fotografia marca um momento no tempo, o olhar a ressignifica e atualiza. Assim, uma fotografia é feita em um momento, mas é ressignificada cada vez que a olhamos. Há um impossível nesta relação, mas há, também, um encontro entre temporalidades neste ato lindo de buscar, aproximar e lembrar.

Hoje chamamos nossa caixa de fotografias, de arquivos. A imagem já não vai sumindo, na sua luta contra o enfraquecimento das marcas no papel fotográfico, pois agora ela é a própria tela que faz visível o jogo de *pixels* que constrói e organiza os conteúdos visuais.

Abrimos os arquivos e o apagamento se dá pela profusão de imagens, assim como se vê tanto silêncio no imenso burburinho das informações das redes sociais. São muitas imagens e há as que impressionam pela semelhança e pela recorrência e é nos detalhes que se pode ver o tempo naquele mar de coletes azuis, sempre tão presentes, que identificam estudantes e docentes que estão na atividade de ensino.

Sempre a pergunta que não quer calar: para que tantas imagens, se não vamos olhar para elas? Quando iremos passar aquelas horas para confundir o tempo com sabedoria e alegria, olhando as imagens e recriando nosso próprio passado? Este número tão grande de fotografias faz pensar sobre a aceleração contemporânea e abre caminho para o desejo de dar um tempo para que as imagens possam viver e sobreviver na nossa memória e não só nos nossos computadores e celulares. Demorar-se um pouco, ‘deitar o olhar’, como nos fala o ditado popular, para que possamos nos pensar como partes de uma história, de um coletivo e de um desafio, como quem coleciona memórias tanto quanto coleciona imagens.

Abrimos a caixa-arquivo e fomos criando uma linha de pensamento para que o desfile de imagens pudesse ter um enredo. Para montar o enredo, nos guiamos pelos conteúdos visuais das imagens, pelos detalhes que revelam as singularidades e os encontros e pelo que excede, que se esconde na profusão dos conteúdos visuais. A história da fotografia nos lembra que, em seus primórdios, as pessoas eram retratadas com uma fisionomia séria, com suas melhores roupas e seus peitos estufados, colunas retas e postura firme. Poucos retratos eram feitos e muitos ainda sobrevivem nas paredes das casas de nossos avôs e avós como fotografias de família e retratos de nossos antepassados. Com a popularização e o incentivo para o consumo das câmeras fotográficas, os momentos escolhidos para serem registrados eram as festas e o sorriso passa a compor a imagem. Fotografamos, assim, para registrar o que nos importa, sorrindo ou não, atualmente já descontraídos em frente às lentes que nem mesmo percebemos nos nossos equipamentos. Os registros que importam, guiaram as escolhas feitas para mostrar em imagens, o que a Práticas Integradas em Saúde faz, buscando não identificar pessoas que não nos pudessem autorizar o uso de sua imagem.

O enredo traz elementos que são importantes para mostrar a PIS I como atividade pedagógica e de aprendizagem e está dividido em dois momentos. O primeiro centra-se nos olhares sobre o território, buscando articular tempo e espaço, à moda do fotográfico. Inicia mostrando Unidades de Saúde parceiras desta atividade e, em seguida, mostra os efeitos do tempo no território por meio de um tema que é recorrente nas fotografias recolhidas, a saber, a construção da Avenida Moab Caldas (antiga Avenida Tronco), iniciada em 2012 e inaugurada em 2024. A construção desta via expressa acompanhou a realização da PIS I em diferentes momentos e, por isso, permite pensar tempo e espaço articulados de forma muito explícita e, com certeza, muito significativa para quem registrou fotograficamente este momento.

Em um segundo momento, destacamos, nas imagens coletadas, elementos que mostram registros de ferramentas pedagógicas que, nem sempre, tem visibilidade se pensarmos os aspectos mais formais de uma atividade de

ensino. Estes elementos são, na verdade, identificados por movimentos – verbos ao invés de substantivos – que são fundamentais para que a educação interprofissional, sensível e diversa, possa acontecer no encontro entre saberes diferentes nas experiências de ensino e aprendizagem.

Para visibilizar essas ferramentas-ações, organizamos três narrativas que implicam nos três objetivos desta atividade de ensino, quais sejam:

Narrativa fotográfica 1 – Observar e viver o território, com seus estranhamentos e familiaridades, com suas vulnerabilidades e com as delicadezas que insistem e persistem;

Narrativa fotográfica 2 – Observar e viver o trabalho nas Unidades de Saúde, na complexidade de seus fazeres cotidianos, ali onde o encontro acontece entre as equipes de saúde, seus diferentes recursos digitais e tecnológicos, a comunidade e o território.

Narrativa fotográfica 3 – Observar e viver a interprofissionalidade, no encontro entre saberes de ordem distintas e de núcleos de conhecimento diferentes, que provocam a lógica disciplinar da formação acadêmica e expandem nossas relações de aprendizagem para muito além da sala de aula e dos espaços universitários.

Estas imagens querem tornar mais nítido nosso olhar sobre as ferramentas usadas nesta atividade de ensino, quais sejam observar, mapear, caminhar, acompanhar, registrar e trocar, com a marca da sensibilidade dos encontros. Ferramentas que se fazem no corpo e com ele, tendo a experiência como elemento central na produção do conhecimento.

Barthes (2015) nos sugere que ao olharmos uma fotografia, algo nos punge e, a partir daí, passamos a ver a fotografia a partir daquele ponto. Para o autor, é o conceito de *punctum*, sendo que “o punctum de uma foto é este acaso que nela me punge (mas também me mortifica, me fere)” (Barthes, 2015, p. 18). Temos pensado na idéia de *punctum* também nos modos como vemos o mundo e decidimos por registrar certas cenas e elementos, em detrimento de outros (Tittoni, 2017). Assim, nosso convite é ver as fotografias aqui escolhidas, como uma narrativa que as integra e deixar-se ferir pelas imagens, como uma

flecha que pode arrebentar a tela ou o papel, fazendo uso da metáfora proposta por Michel Foucault em 'Isto não é um Cachimbo' (Foucault, 1988). Olhar as imagens sensíveis aos conteúdos que nos ferem, seja pela vulnerabilidade ou pela delicadeza, mas que mostram que estamos vivos e resistimos.

Sobre tempo e espaço: duas paradas para pensar elementos significativos da experiência da PIS I no território

Com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), o território passou a ser um elemento central no cuidado em saúde, enfatizando a promoção de saúde no território e trazendo importantes modificações no processo de trabalho, que passa a ser organizado a partir dos territórios e suas singularidades. Por ser uma referência tão importante, a temática do território possui um capítulo específico neste livro, o qual possui muitas interfaces com esta escrita. Destacamos que, aqui, partimos do arquivo-caixa de fotografias para pensar as imagens registradas nas fotografias e como elas compõem narrativas que explicitam a experiência nesta atividade e não especificamente sobre o tema do território. Como já proposto no capítulo 4, entendemos território como movimento, processo que faz modificar pedras e plantas, edificações, ruas e estradas. Traduz estilos, mostra tendências e conceitos que se solidificam nos espaços físicos que lhes dão visibilidade. Mostra relações de poder e de força que configuram ambientes, espaços e definem modos de vida.

Território é poder, é política, é transformação e movimento. Quando pisamos na terra, com sua ancestralidade e sua história, nossos pés caminham cuidadosos e respeitosos, pois estamos em um território vivo e em movimento, resultado de lutas de poder, de dominação e de muitas resistências. Processos de colonização física, cultural e subjetiva são visíveis nas ruas por onde andamos, nas moradias e nas ruelas por onde passamos. Efeitos, também, pois este processo de colonização do poder (Quijano, 2005) está tão marcado pela desigualdade social quanto pelo racismo e pelo gênero, definindo (e até mesmo aprisionando) pessoas negras e mulheres em espaços geográficos

e existenciais específicos. Reconhecemos, assim, a vida, a existência e as resistências cotidianas que compõem os caminhos que trilhamos.

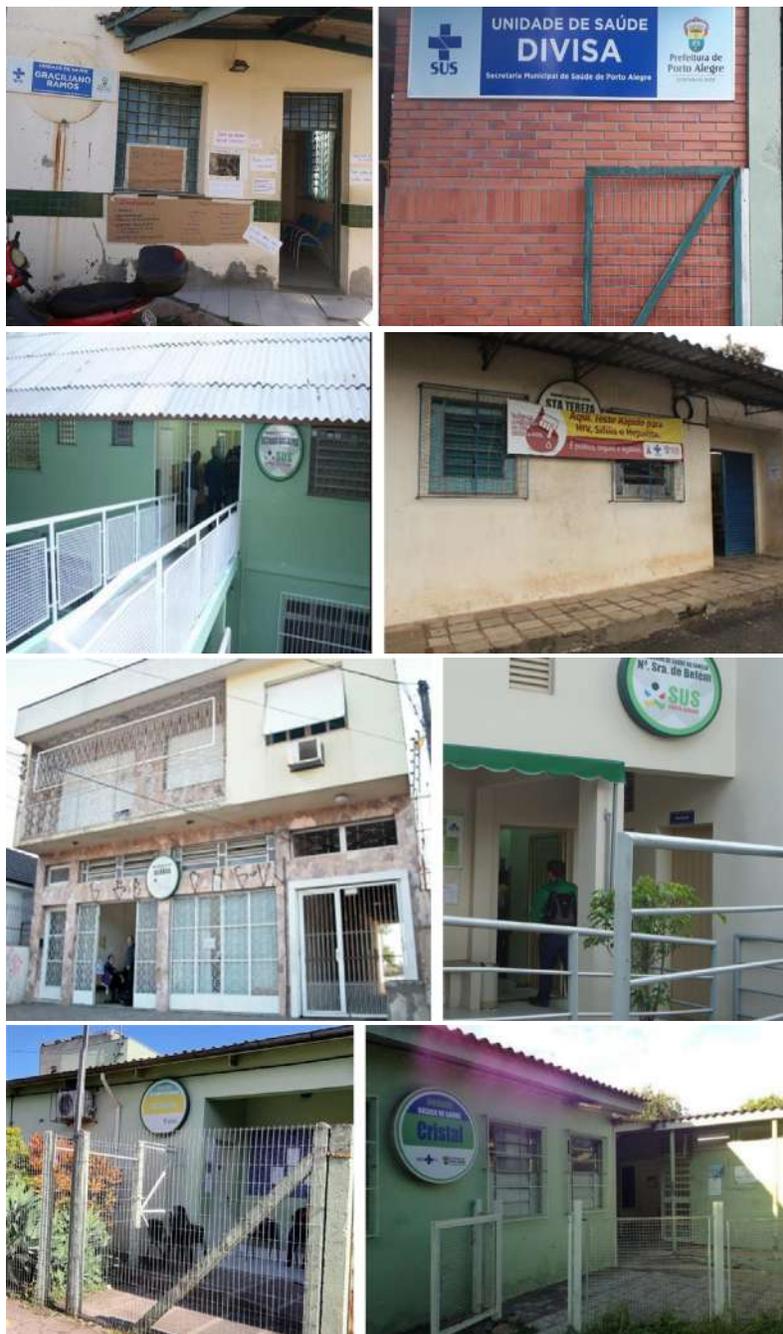
Tendo em mãos a sensibilidade e a crítica para pensar o território, vamos fazer uma primeira parada mostrando as Unidades de Saúde que fizeram parte da história da PIS I e, em seguida, vamos contar a história da construção de uma via expressa, considerando a grande quantidade de fotografias que mostram a construção desta via em nosso arquivo-caixa de fotografias. A construção desta via iniciou em 2012 e foi finalizada neste ano de 2024, mas a situação jurídica das famílias desalojadas para sua construção, segue ainda em processo. As Unidades de Saúde e a construção da via expressa são dois marcadores do território muito significativos no nosso arquivo-caixa de fotografias e, por este motivo, nos fizeram demorar um pouco nestas duas pequenas paradas.

Parada 1: As Unidades de Saúde e a PIS I

A realização desta atividade de ensino ocorre, principalmente, nas Unidades de Saúde da Atenção Básica da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Este encontro entre serviços de saúde, gestão da política de saúde e universidade implica em uma série de avaliações sobre a possibilidade de a PIS I ocorrer naquele tempo e naquele espaço, avaliando as condições do local, da comunidade, do território, da equipe de saúde e da universidade. A gestão destes fatores é complexa e depende, também, das políticas de saúde que organizam e estruturam serviços, gestão e relações de ensino em serviço a cada momento. A relação com a equipe de saúde que acolhe estudantes e docentes é fundamental no modo como está implicada na relação ensino e aprendizagem ali proposta. As agentes comunitárias de saúde são elementos centrais nesta relação, conduzindo nos territórios e serviços e mostrando uma prática em saúde que se expande, em muito, das lógicas assistenciais formais.

Aqui, na Figura 1, as imagens são de Unidades de Saúde, com suas fachadas quase solitárias, registram os locais que têm sido parceiros nestes mais de dez anos de atividade.

Figura 1. Unidades de Saúde, cenários de aprendizagem da PIS I.



Fonte: Registro fotográfico dos docentes da PIS I e arquivo da CoorSaúde.

Olhando para estas fachadas tão solitárias, podemos ouvir o som das salas de espera cheia de histórias de vida, das situações familiares que se encarnam nas dores do corpo e pedem atenção e afeto, tanto quanto conhecimento. Podemos ouvir nossas conversas animadas na volta das caminhadas de reconhecimento do território ou das visitas domiciliares, sempre atentas aos ensinamentos das agentes comunitárias e de demais componentes das equipes de saúde. Memórias vivas e significativas desta experiência que tem, nas unidades de saúde, um ponto de referência para os trajetos vividos e uma morada para as inúmeras aprendizagens nestes percursos.

Parada 2: O processo de construção de uma via expressa para pensar história, processo e experiência nos territórios

Esta parada destaca a construção da Avenida Moab Caldas (antiga Avenida Tronco), que atravessa uma grande parte do território físico onde a PIS I foi acontecendo. Muitas imagens deste processo de desmontagem e remontagem do espaço físico foram encontradas em nosso arquivo caixa de fotografias, tendo sido fotografada de muitos ângulos e em muitos momentos. A via expressa, vestida de modernidade e desenvolvimento, em determinado momento encontra-se com um córrego e segue caminhando lado a lado. Lembramos de Krenak (2022), quando fala que ‘o rio é um caminho dentro da cidade, que permite se deslocar, embora faça tempo que as pessoas decidiram ficar paradas nas cidades’ (p. 14). Vendo estes pequenos córregos, que mostram um caminho nas cidades, podemos pensar em seu devir rio e, também, no rio que já foram. Hoje, muitas vezes, caminhos pelos quais escoam dejetos e lixo podem mostrar elementos que indicam a ausência do Estado e de políticas públicas de saneamento e de habitação, mas que, também, cumprem uma função de organização do território, tendo sido registrados, do mesmo modo, com muita frequência.

Nesta parada, mostramos como o rio, que já estava lá muito antes da rua, indica um caminho para a construção desta via expressa que modificou o desenho da comunidade e refez os territórios, compondo estes silenciosos (ou nem tanto) processos de colonização cotidianos. O córrego indica o caminho

para a via expressa, na fragilidade de sua constituição e na potência de seu movimento que, apesar de tudo, o faz ‘correr’ para o rio de maior volume. Esta via expressa foi modificando o entorno do córrego, mostrando os modos como o tempo e o poder vão modulando paisagens, vidas e cidades, como se pode observar na Figura 2.

Figura 2. Registros da primeira aproximação com o território.



Fonte: Registro fotográfico dos docentes da PIS I e arquivo da CoorSaúde.

Na Figura 3, o processo de reurbanização da região, com a construção da avenida e com grande movimentação no território e destruição de casas para abrir caminho para as vias de fluxo veloz das grandes cidades e, neste caso, para a realização da Copa do Mundo, em 2014.

Figura 3. Redefinições do espaço, abrindo passagens para novas paisagens.



Fonte: Registro fotográfico dos docentes da PIS I e arquivo da CoorSaúde.

A Figura 4 mostra como o entorno do córrego vai tomando a forma da política de urbanização em pauta naquele momento. A avenida, que seria um eixo de ligação para favorecer o deslocamento nos jogos da Copa do Mundo no Brasil em 2014, não foi finalizada em tempo para a Copa e seguiu por quase dez anos. Nesta trajetória, há o aparecimento de novos traços: carros habitam suas margens e não mais as casas e as roupas da família a secar ao sol.

Figura 4. Novos contornos.



Fonte: Registro fotográfico dos docentes da PIS I e arquivo da CoorSaúde.

A Figura 5 mostra que o território segue seu curso de transformações, ocupado pela comunidade.

Figura 5. Território em transformação.





Fonte: Registro fotográfico dos docentes da PIS I e arquivo da CoorSaúde.

Ferramentas para pensar a Práticas Integradas em Saúde

Narrativa 1 – Observar e viver o território

Sendo o território um processo que implica em movimento e, ao mesmo tempo, na fixidez dos elementos físicos, pedras, paus, árvores e córregos, observar seus movimentos exige uma postura aberta e sensível e, também, um olhar que se pergunte sobre os modos como foi direcionado pelas tantas mídias para fazer ver este território de uma forma ou de outra. Sontag (2003) chama a isso, da ética do ver e Butler (2008) nos mostra os enquadramentos que deixam de fora da esfera do reconhecimento o que chama de vidas que não merecem luto. Ambas as autoras estão discutindo como as fotografias podem (ou não) comunicar a dor das pessoas para quem está vendo as imagens. Em outras palavras, o quanto o que vemos está pressionado por enquadramentos sociais e políticos, delimitando, por sua vez “condicionamentos estruturados de estilo e forma sobre a comunicabilidade de sentimentos” (Butler, 2008, p. 104), que podem acontecer apesar ou mesmo contra a nossa vontade.

O território está, também, sob este enquadramento que nos leva a ver determinantes e marcadores sociais e deixar tantos outros elementos fora de

nosso campo de visão. A sensibilidade, assim, corresponde a uma constante problematização de nosso modo de ver, com vistas à uma postura crítica. Muitas perguntas surgem: como vemos o território? Sob quais enquadramentos? Com quais ferramentas para ver e mostrar o que vemos? Esta narrativa pretende pensar estas estratégias de ver como ferramentas para viver e mostrar a experiência no território.

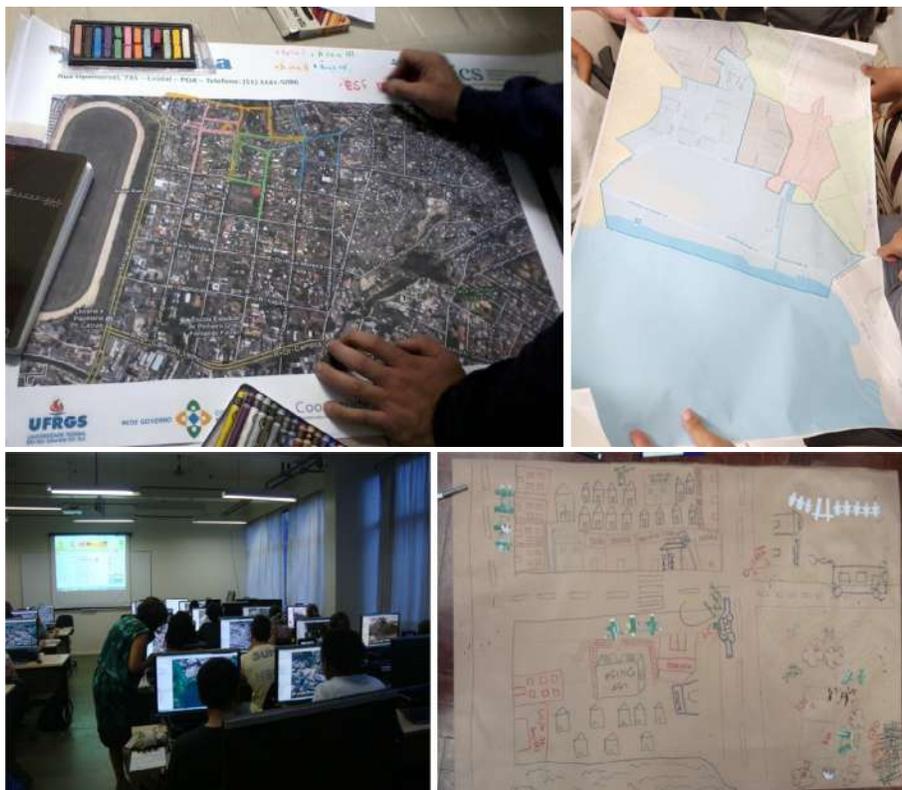
Mapear e cartografar

Na Atenção Básica à Saúde (ABS), mapear o território adscrito à Unidade de Saúde é uma ferramenta fundamental para conhecer, levantar as principais necessidades e demandas da comunidade em termos de saúde. Neste sentido, mapear é uma atividade para o planejamento das políticas públicas, para pensar também a potência do território. Mapear é, então, uma atividade política que se faz pelo conhecer o território e pelo percorrer as vias, buscando visibilidade para os modos de viver daquela comunidade, suas estratégias de enfrentamento aos processos de colonização e os movimentos que traduzem seus modos de vida. Também é uma forma de compreender a configuração e o alcance das políticas públicas naquele território.

Cartografar, por sua vez, exige pensar os modos como criamos espaços comuns, onde as singularidades dos saberes e olhares se encontram e podem se orientar para uma mesma direção (Kastrup, 2019). Implica em pensar nas relações e nos modos como o poder pressiona determinadas conformações do território.

Mapear e cartografar, assim, são ferramentas para mostrar a configuração do território, mas também para mostrar sua singularidade e os modos como diferentes saberes podem convergir em direções comuns, dando ênfase à pluralidade e à diversidade no conhecimento. Diferentes formas de mapear, mostram, também, diferentes relações e modos de ver os territórios, conforme observa-se na Figura 6.

Figura 6. Mapeando o território.



Fonte: Registro fotográfico dos docentes da PIS I e arquivo da CoorSaúde.

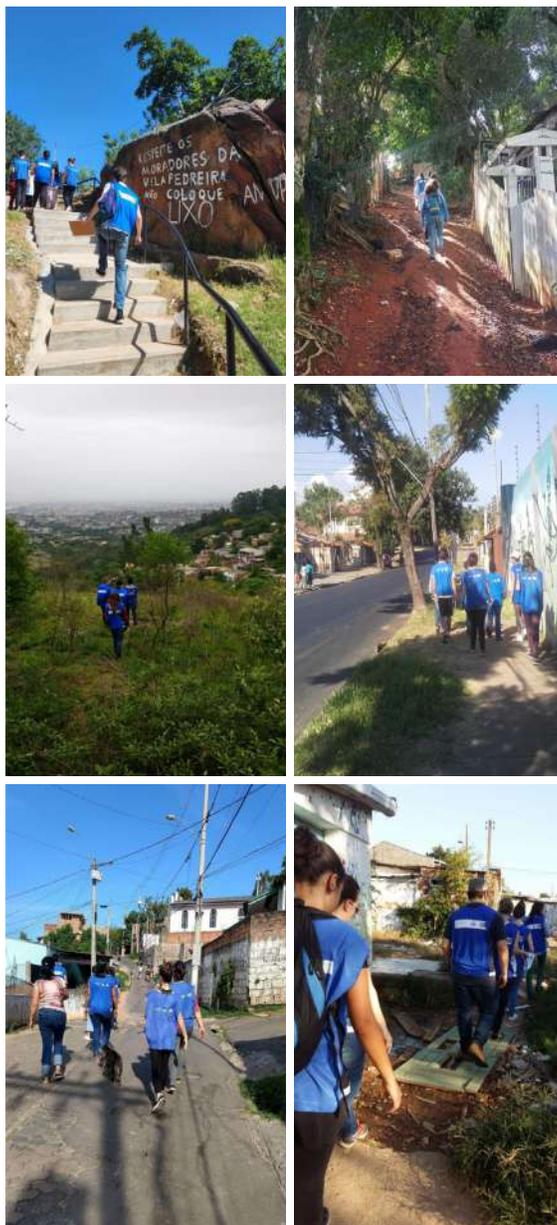
Caminhar

A imagem de pessoas com os coletes azuis trazendo o nome da atividade de ensino PIS I caminhando nas avenidas, ruas e vielas são a imagem mais recorrente no nosso arquivo-caixa de fotografias e mostram a intensidade deste caminhar, nas memórias e na experiência nesta atividade, conforme se pode ver na Figura 7.

Lembramos do que sentimos ao voltar para a unidade de saúde, depois das caminhadas para conhecer o território e registrar os equipamentos de políticas públicas e organização das comunidades. Lembramos de nosso cansaço, do calor ou do frio, da chuva ou do sol escaldante e, principalmente, daquela sensação de estar em um lugar, de conhecer com o corpo todo, sentindo os odores, ouvindo as

conversas, com a certeza de que todo o corpo conheceu, pois as pernas doem, a pele tomou uma corzinha e nossa sensibilidade está à flor da pele. Conhecer fez sentido.

Figura 7. Caminhar.



Fonte: Registro fotográfico dos docentes da PIS I e arquivo da CoorSaúde.

As caminhadas, percorrendo ou traçando caminhos, vem permitindo coletar informações, registrar e mapear. Caminhar é de uma intensidade indescritível e uma ferramenta potente para conhecer o território. Caminhamos em grupo, trocamos ideias, aprendemos com os diferentes olhares, debatemos. Caminhar é entrar na cena, percorrer seus caminhos e, por vezes, criar caminhos também no plano do conhecimento, agregando novos elementos e dando sentido aos conceitos e seus desdobramentos.

Narrativa fotográfica 2 – Observar e viver o trabalho nas Unidades de Saúde

A experiência de conhecer o trabalho nas Unidades de Saúde, acompanhando as atividades das equipes, é um importante dispositivo para compreender o funcionamento do SUS por meio de sua porta de entrada, que é a ABS. Neste acompanhar, estudantes conhecem as atividades de núcleo, assim como vivenciam o percurso de usuários e usuárias no SUS desde o acolhimento até os encaminhamentos necessários para atenção especializada ou de alta complexidade. Neste acompanhamento, podem conhecer atividades de seu núcleo profissional e, também, do funcionamento em equipe, fundamental para pensar o trabalho interprofissional.

As imagens não podem mostrar, infelizmente, a riqueza das relações entre usuárias e usuários, equipe, estudantes e docentes, pois muitas delas trazem imagens de pessoas, com as quais não temos contato para solicitar o consentimento de uso. Nestes anos de realização da PIS I foi possível acompanhar profissionais da Enfermagem, Medicina, Odontologia e agentes comunitárias de saúde, aprendendo sobre intervenções em saúde, mas também sobre acolhimento, ética do cuidado e escuta clínica, elementos de pouca visibilidade, mas de grande importância nos cotidianos de trabalho.

Novamente nossa imaginação precisa entrar em cena e escutamos os burburinhos da sala de espera, as conversas da sala de reuniões, o cuidado com usuários e usuárias, o barulho das teclas digitando as informações coletadas em busca de tradução no discurso técnico e de encaminhamento adequado.

Nesta atividade de acompanhamento do trabalho das equipes de saúde, a PIS I também realiza atividades de promoção de saúde em conjunto com as equipes e em outros equipamentos de políticas públicas, como escolas, centros de convivência e associações comunitárias. As imagens destas ações, como se pode ver na Figura 8, mostram outros espaços físicos e criam outros cenários, que envolvem prevenção e promoção de saúde e fazem parte das atribuições da ABS. Representam uma pequena parte de ações de grande relevância para a comunidade e indicam, também, os percursos feitos pelas equipes em conjunto com as comunidades.

Revelam, ainda, fragmentos de visitas domiciliares e dos tantos arranjos criativos que as equipes fazem para garantir a eficácia e a eficiência de suas ações. Podemos ouvir aquele silêncio acalentador que marca o alívio de quem pode ser assistido em casa, pois não tinha condições de ir até a Unidade de Saúde. Lembramos do sorriso de quem está vendo chegar a equipe de saúde na sua casa e o suspiro, que mistura alívio e agradecimento. Ver o trabalho da equipe fora da Unidade de Saúde é muito enriquecedor para a formação em saúde e, sem dúvida, vemos o SUS com toda sua energia e potência.

Figura 8. Acompanhando o trabalho nas Unidades de Saúde.





Fonte: Registro fotográfico dos docentes da PIS I e arquivo da CoorSaúde.

Como se pode ver pelos registros fotográficos acima, estas atividades possuem uma potência inventiva de grande valor para as equipes e para docentes e estudantes que pensam e criam estratégias para comunicar as informações e acessar as demandas das comunidades. Atividade que se reinventa a cada vez que acontece, que integra as diferentes trajetórias de profissionais das equipes de saúde, de estudantes e de docentes, de trabalhadores e trabalhadoras e de usuários e usuárias dos equipamentos onde deverá ocorrer a ação, produzindo

uma proposta singular e localizada naquele encontro. São experiências significativas de trabalho em equipe e interprofissional, que mobilizam para a troca de conhecimento, de diferentes perspectivas sobre as situações em questão e que mobilizam para a realização de uma atividade comum.

Narrativa fotográfica 3 – Observar e viver a interprofissionalidade

As experiências de educação e de trabalho interprofissional atravessam a proposta da PIS I e podem ser vistas em diferentes momentos. Estão nas caminhadas pelos territórios, na organização das atividades de promoção de saúde e nos momentos de troca e de discussão dos diferentes pontos de vista e de visão dos grupos de estudantes, de docentes e profissionais das equipes de saúde. Pensando a interprofissionalidade, por meio de seu caráter de troca, encontro e colaboração, com vistas à garantia da pluralidade e da diversidade de saberes, sugerimos duas ações, para pensar como este conceito pode ser visualizado na PIS I, quais sejam, o compartilhamento da experiência e o trabalho colaborativo. Ambas, entendidas como elementos que impulsionam o trabalho em equipe e a construção de uma direção comum.

Compartilhar experiências

O compartilhamento de experiências ocorre em muitos momentos da PIS I, sejam eles os momentos formais, como a apresentação das atividades em um momento chamado ‘concentração’ ou nos cotidianos, sejam eles no lanche coletivo, no transporte que garante a volta para a Universidade ou nas caminhadas pelo território. A troca e o compartilhamento são fundamentais para pensar a pluralidade e a diversidade de nossos olhares.

Não somente para reconhecer a pluralidade, mas para garantir que um caminho comum de base para o trabalho interprofissional seja construído sem homogeneizar e empobrecer o conhecimento. Esta tarefa não é fácil, pois nunca está completa na medida em que se recria a cada proposta de ação. As equipes podem criar um lastro comum para suas ações, mas necessitam

cultivar a diversidade nas suas práticas cotidianas. Trocar experiências, escutar outras vozes e reconhecer outros olhares é fundamental.

Este trabalho vivo (Mehry, 2002), ainda que fundamental para o trabalho interprofissional, nem sempre é visível de imediato. Aqui, neste arquivo-caixa de fotografias, ele aparece nos modos como se fala e escuta, se mostra e se registra o que é vivido. E, principalmente, na medida em que se criam planos comuns em atividades feitas coletivamente, que podem mostrar a particularidade do conhecimento de núcleo profissional na criação do trabalho em relação com outras profissões, conforme pode-se pensar por meio da Figura 9.

Figura 9. Compartilhando experiências.





Fonte: Registro fotográfico dos docentes da PIS I e arquivo da CoorSaúde.

Colaborar no trabalho em equipe

O trabalho colaborativo, fundamental para o exercício da interprofissionalidade, é o resultado de diferentes encontros: entre saberes, experiências, trajetórias, pontos de vista, modos de ver, conhecimentos técnicos distintos, entre tantos outros. Colaborar é reconhecer o valor dos elementos que compõem estes encontros e garantir, como já referido tantas vezes por aqui, a diversidade e a pluralidade na produção de uma orientação comum. Colaborar é o elemento que torna possível criar uma orientação comum. De difícil visibilidade, a colaboração está no processo, tanto quanto nos resultados. A imagem de uma mesa cheia de diferentes elementos que podem compor a produção de um objeto comum, de certa forma, pode dar visibilidade ao colaborar, conforme exposto na Figura 10. No trabalho, agenciamos esta diversidade para uma direção comum, negociamos nossas individualidades e enfrentamos a lógica individualista e solitária do trabalho neoliberal que define o trabalhar neste nosso contemporâneo. Reconhecer a complexidade que existe nestas ações simples lhes dá sentido e valor. Estes encontros, carregados de afetos e de sensibilidades, criam muito mais do que atividades de trabalho, mas amizades e parcerias. O trabalho colaborativo, ao reconhecer as pluralidades, busca enfrentar as desigualdades que hierarquizam saberes e lugares. Não é um processo fácil, pois carece de modelos e prescrições rígidas, mas amplia em muito a potência inventiva que desejamos manter viva em nossa trajetória como profissionais da saúde.

Figura 10. Trabalho colaborativo.



Fonte: Registro fotográfico dos docentes da PIS I e arquivo da CoorSaúde.

Fechando a caixa de fotografias

Concluir este capítulo implica em fechar a tampa de nosso arquivo-caixa de fotografias, o que não é simples quando sempre é possível ver mais, de novo e de outro modo. Olhar para uma trajetória é lembrar e, de certa forma, reviver as parcerias, colegas docentes que já estão em outras atividades, estudantes que já devem ser profissionais

de saúde, gestores e docentes. Também lembrar de trabalhadoras e trabalhadores dos serviços que tem resistido bravamente para a manutenção dos princípios do SUS. Profissionais que sabem olhar pelas frestas, ocupar os espaços mínimos para garantir o direito à saúde das comunidades. Muitas mudanças aconteceram nestes mais de dez anos da PIS I e acompanhamos as mudanças, e as permanências, as insistências e as desistências, as fragilidades e as forças que se engrandecem em momentos de ataque aos princípios do SUS e a profissionais da saúde, por consequência.

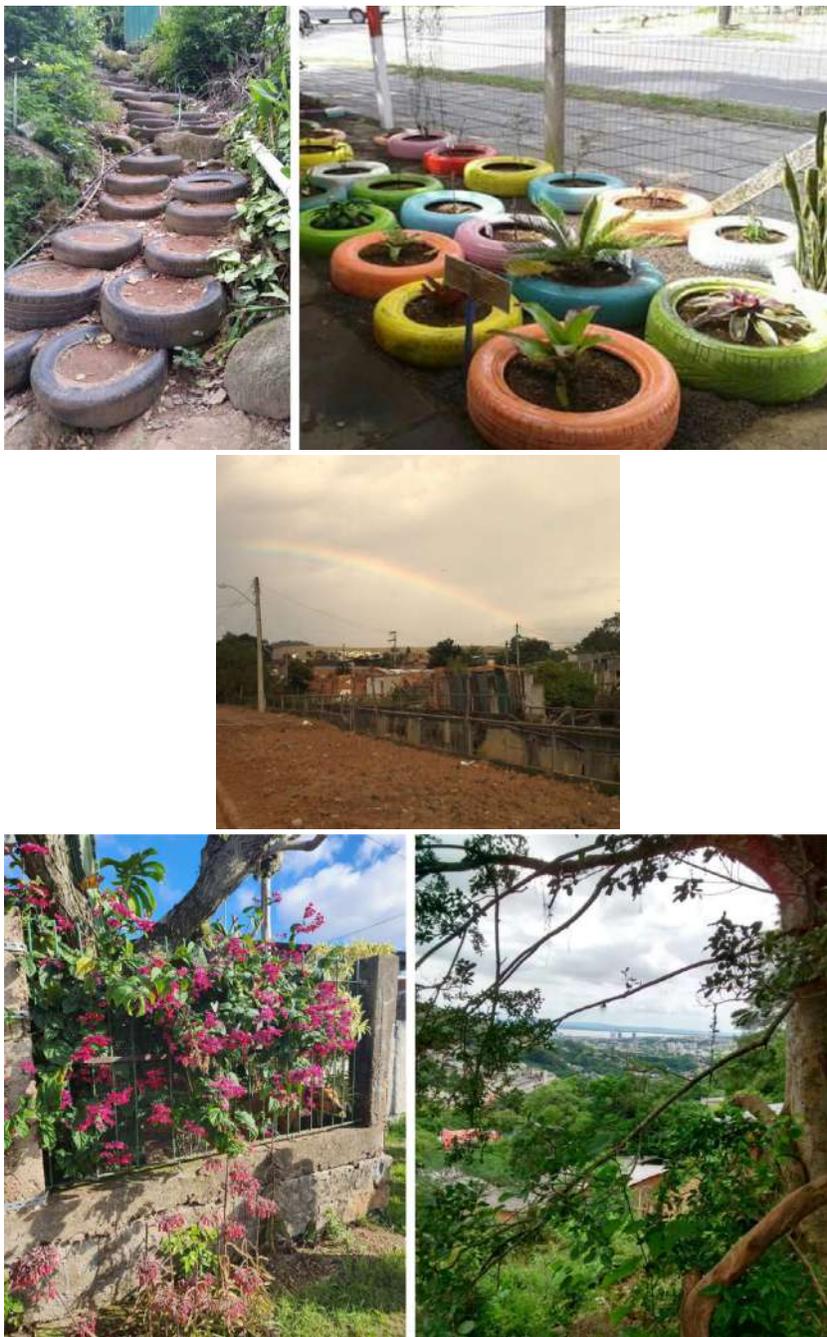
Esta experiência de estar junto, integrando universidade, serviços e comunidade, é de uma grande intensidade e importante elemento para nossa formação, pois esfumaça as fronteiras da inserção profissional e nos coloca, conjuntamente, na defesa do SUS. Esta defesa tanto nas decisões mais amplas no plano da definição das políticas públicas em saúde e ali, com os pés na terra, onde as políticas de saúde tem cara, corpo e sentimento. Tem também desejos, projetos e sonhos. São crianças, mães, pais, trabalhadores e trabalhadoras, tantos Joãos e Marias, pessoas negras, brancas, indígenas, acadêmicas ou não, andarilhos ou assentados nestes territórios onde plantamos nossa vida e nossa história.

Krenak (2020), em seu livro 'Idéias para adiar o fim do mundo', pergunta qual é o nosso lugar neste nosso mundo em destruição? O que fazer? O autor sugere que nos movimentemos como os rios, que em determinados momentos precisam encontrar um refúgio para fugir da violência da destruição. Mas sugere também que busquemos este refúgio também nos lugares que cultivam a possibilidade de um novo mundo. Que busquemos os lugares onde se produzem os paraquedas, onde parece que só existe um mundo em queda.

Estes refúgios como lugares-tempos de revigorar as energias, não estão dados, mas são feitos da matéria da vida que compartilhamos.

Por isto, para finalizar, buscamos os olhares que procuram refúgios e criam aberturas para adiar o fim do mundo, conforme as imagens que compõem a Figura 11. Olhares que veem os modos como as comunidades cultivam a vida e a beleza nos seus territórios, transmutando resíduos em vasos para plantar, deixando fluir a vida que cresce das margens de suas condições de existência tão pobre de recursos econômicos e tão rica na criação de modos de resistir e sobreviver a uma sociedade que lhes impõe a vulnerabilidade.

Figura 11. Refúgios.



Fonte: Registro fotográfico dos docentes da PIS I e arquivo da CoorSaúde.

Olhemos para estes espaços, como aqueles que desafiam a lógica da destruição.

O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim (Krenak, 2020, p. 13).

Referências

- Barthes, R. **A câmara clara**. São Paulo: Nova Fronteira, 2015.
- Bueno, D.; Tschiedel, R. G. **A arte de ensinar e fazer saúde**: UFRGS no Pró-Saúde II: relatos de uma experiência. Porto Alegre: Libretos, 2011.
- Butler, J. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- Dias, M. T. G. *et al.* (org.). **Quando o ensino da saúde percorre territórios**: dez anos da Coordenadoria de Saúde. 1. ed. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2020. Disponível em: <https://editora.redeunida.org.br/wp-content/uploads/2018/11/Livro-Quando-o-ensino-da-saude-percorre-territorios-dez-anos-da-Coordenadoria-de-Saude.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2024.
- Foucault, M. **Isto não é um cachimbo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- Kastrup, V. A atenção cartográfica e o gosto pelos problemas. **Revista Polis e Psique**, [s. l.], v. 9, p. 99-106, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2238-152X.97450>. Acesso em: 4 abr. 2024.
- Krenak, A. **Idéias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2020.
- Krenak, A. **O futuro é ancestral**. São Paulo: Cia das Letras, 2022.
- Merhy, E. E. **Saúde**: a cartografia do trabalho vivo. São Paulo: Editora Hucitec; 2002.
- Quijano, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: CLACSO. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial/Editor, 2005.
- Samain, E. (org.). **O fotográfico**. São Paulo: Editora SENAC-SP, 2005.
- Sontag, S. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- Tittoni, J. Sobre a poética do detalhe e as intervenções sensíveis: fragmentos de vida na produção de imagens fotográficas. *In*: Zanella, A. V.; Tittoni, J. (org.). **Psicologia e fotografia**: alguns ensaios. 1. ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017. p. 17-31.